

## PRÁTICA EDUCATIVA: O PIBID TEATRO COMO REFLEXÃO

Autor: Cícero Alan Pereira Alves<sup>1</sup>; Orientador: Emmanoel Lima Ferreira<sup>2</sup>

*Universidade Regional do Cariri-URCA, hallan\_unico@hotmail.com*

### RESUMO

O artigo objetiva mostrar a importância da prática docente no contexto escolar tendo como foco a docência de teatro e fazer um excuro sobre minha vivência no Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência-PIBID. O estudo é um relato de experiência do trabalho desenvolvido na EEFM Maria Amélia Bezerra, situada em Juazeiro do Norte-Ce. No artigo são descritas as oficinas realizadas, os jogos teatrais utilizados, a reação dos integrantes do grupo, suas emoções, etc. O PIBID é um programa muito jovem nas universidades e que aos poucos vem ganhando seu verdadeiro sentido, cada curso percebe sua importância na formação dos graduandos e na propagação de conhecimentos, no compartilhamento de ideias, que envolvem e concerne a cada curso. Trabalha-se com jogos para que educandos tenham contato com elementos do teatro de uma maneira lúdica e interativa, despertando a coletividade, criatividade, e o cuidado de se trabalhar com o outro. Cada jogo exige espontaneidade, raciocínio, concentração, foco, e aos poucos revelam suas vivências a partir do que falam, símbolos que trazem na memória, cores, maneiras de se comportar. A participação nos jogos tornam as aulas mais produtivas, mais questionadoras. Percebendo o quanto o ser humano precisa um do outro, necessita interagir e compartilhar experiências, o teatro é importante na formação crítica, política, social, e principalmente humana. Além de instigar a criar, participar, observar, criticar, solucionar, problematizar, atuar, ele contribui na evolução do ser humano. O teatro na educação não é ferramenta pedagógica, é a prática pensada, estudada, pesquisada, é trabalho docente.

**Palavras-chave:** PIBID, teatro, prática docente.

### INTRODUÇÃO

Essa pesquisa objetiva compreender a importância da prática docente no contexto escolar, tendo como foco a docência em teatro e fazer um excuro sobre minha vivência no Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência-PIBID.

O PIBID é um programa inserido na universidade, que oportuniza os graduandos a experienciarem a prática docente antes mesmo dos estágios supervisionados ou formação buscando conhecer o espaço escolar.

Esse estudo discorrerá sobre quatro encontros, que reputo como relevantes para a prática docente de teatro na escola. Os encontros foram vivenciados na EEFM Maria Amélia Bezerra situada em Juazeiro do Norte-Ce.

Na perspectiva, artística e pedagógica, o teatro objetiva conscientizar pessoas para um desenvolvimento cultural e cognitivo. Por isso, a prática em sala de aula é muito importante,

<sup>1</sup>Graduando do curso de Teatro da Universidade Regional do Cariri-URCA, Ceará, Brasil. Bolsista do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência-PIBID(CAPES) email:hallan\_unico@hotmail.com

<sup>2</sup>Professor Adjunto do Departamento de Teatro e Coordenador de área do PIBID Teatro da URCA. Email:emmanoellima@yahoo.com.br

pois ajudará os educandos a se descobrirem como cidadãos partícipes da sociedade, e buscarem refletir sobre as realidades em que vivem.

Trabalhamos com teóricos do ensino de teatro que veem a importância do mesmo para a aprendizagem, a socialização, o desenvolvimento cognitivo e a autoestima do educando. Ricardo Japiassu (2010) foi uma das principais referências, ajudando na confecção desse artigo. Viola Spolin (2010) é outra referência importante com sua concepção de jogos teatrais envolvendo os educandos e educadores no jogo em sala de aula, de forma lúdica e educativa. Esta estratégia possibilita dinamizar a aprendizagem fugindo da monotonia.

## **PENSANDO TEATRO E EDUCAÇÃO**

O Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência-PIBID é um programa rico, amplo e reflexivo. Rico no sentido de qualidade, pois é coordenado por profissionais que possuem liderança, competência e qualificação. Amplo, na perspectiva de possibilitar vivências e práticas para os bolsistas no interior da escola, bem como a realização de pesquisa sobre a docência e criar vasos comunicantes com a escola da rede de educação básica.

Vejo o PIBID como meio também de renovar, revigorar a práxis pedagógica, já que viemos de uma educação, pouco receptiva ao intercâmbio e ao diálogo. Essa práxis tão ressaltada dentro dos cursos de licenciatura, especialmente nas disciplinas que têm como centro a discussão sobre didática e estratégias de ensino, está em consonância com o trabalho realizado no PIBID, que busca a interação educador-educando e escola-universidade. Na perspectiva da interrelação, da ação conjunta, posiciona-se Biasoli (1999, p. 34):

É nas relações mútuas e recíprocas, na ação conjunta, que está, justamente, o mérito dos personagens. É na troca incessante de sentimento, pensamentos e ações com os alunos que se concretiza com êxito a prática pedagógica do professor (BIASOLI, 1999, p. 34).

Portanto, com todo suporte teórico que os bolsistas possuem, juntamente com suas formações, experiências, vivências práticas e teóricas, é que poderão desenvolver trabalhos produtivos, buscar estratégias pedagógicas que dialoguem sempre, já que são muitos bolsistas e estes se fazem presentes numa mesma sala de acordo com a divisão por grupos e escolas. .

Falar de prática educativa e não fazer uma ponte com a docência seria um despautério. Aqui quero explicitar o elo que solda as duas. Para ajudar nessa reflexão, indago: A prática educativa seria a docente? Ou seriam duas práticas distintas?

A docente está relacionada às atividades e ações realizadas na escola, incluindo a sala de aula. Nesse espaço, o professor exerce uma prática educativa mediante inúmeras

atividades: no momento de ministrar a aula; no planejamento de suas aulas; nos momentos de relacionamento com os alunos (as), professores(as), direção e demais profissionais da escola, dentre outros.

Pensando em educativo, podemos pensar a figura do professor no momento em que está executando a ação de ministrar sua aula, preparando um plano de aula em que seja dinâmico, com bons objetivos, facilitando a aprendizagem e incitando diálogos entre ele e seus alunos, nesse momento o docente está realizando um ato educativo, ou seja, está executando ações que possibilitam à educação, o conhecimento, a aprendizagem. O professor tem um destacado papel segundo Telles (2013, p. 76).

(...) O professor apresenta o conteúdo e abre o debate do tema à discussão dos alunos, fundamentalmente nas aulas teóricas. Nas aulas práticas, a postura do professor se modifica: torna-se ele um orientador/coordenador que, inserido no trabalho, estimula os alunos a desenvolverem suas potencialidades, por meio de atividades voltadas para o processo criativo do ator (TELLES, 2013, p.76).

O professor de arte é muito sensível ao mundo que lhe cerca e ao mundo que abraça seu educando. Pedagogicamente falando, o docente adentra numa realidade às vezes não muito fácil, buscando estratégias para melhorar a aprendizagem e a formação dos educandos. Esse precisa estar preparado para lidar com os diversos tipos de educandos, sem discriminá-los, buscando sempre o objetivo de melhorar a relação professor-aluno e o ensino-aprendizagem em sala de aula.

Falando em arte, existe uma linguagem que além de permitir o contato com o público, possibilita entender, sentir e refletir de forma transparente o que se passa em épocas, períodos, gerações, a linguagem teatral.

Trabalhar com o teatro artístico é diferente de se trabalhar com o propósito pedagógico. A vertente artística possibilita trabalhar ou preparar profissionais para cenas, performances, espetáculos teatrais, monólogos, e o profissional escolherá esse caminho para seguir como forma de sobreviver. Na vertente artística os atores trabalham com embasamento em pesquisadores, dramaturgos, encenadores, que escrevem e norteiam especificamente o que é essa prática, dentro da interpretação, construção de personagem, estudos de dramaturgias, técnicas de como lidar com o palco e plateia. Nessa vertente, existe a pedagogia, que é a maneira de se percorrer, de caminhar, de ensinar, percebendo o estudo, a maneira de se trabalhar para conseguirem resultar em algo.

O teatro pedagógico é uma construção que vem sendo realizada, dia após dia, para que se perceba a importância de se trabalhar com o mesmo em sala de aula e como lidar de

maneira docente esse desafio. O teatro pedagógico destacado, é o pensado para não-atores, na perspectiva de formar cabeças que pensem, reflitam e analisem todos os momentos tanto social, humano, afetivo como o ético.

As artes, entendida como processos de representação simbólica para comunicação do pensamento e dos sentimentos humanos, representam enorme valor e significam grande importância na formação do educando. Essa concepção possibilitou se pensar o teatro na educação, não apenas como um instrumento ou método utilizado no ensino de conteúdos extrateatrais, tampouco disciplina voltada para a formação de artistas, mas o teatro, sim, como atividade educativa focada no domínio, na fluência e compreensão estética das complexas formas humanas de expressão que movimentam processos afetivos, cognitivos e psicomotores (NEVES; SANTIAGO, 2010, p. 31).

Pensa-se aqui, o teatro como forma pedagógica entre ensino-aprendizagem, já que a reciprocidade acontece entre docente e discente. Considerado como uma potência construtiva que forma pessoas que reflitam sobre o mundo que as cerca.

Percebe-se a prática do teatro na educação escolar objetivando o crescimento pessoal e o desenvolvimento cultural dos alunos, por meio do domínio da comunicação e do uso interativo da linguagem teatral, numa perspectiva de improvisação ou ludicidade. A base dessa prática é a comunicação que emerge da espontaneidade das intenções entre sujeitos engajados na solução cênica de um trabalho de atuação (NEVES; SANTIAGO; 2010, p. 74).

Portanto, o teatro deve ser entendido como uma forma de ver o outro, de enriquecer seu modo de agir e pensar, compreendendo que cada ser possui suas realidades e que as mesmas podem ser diferentes ou não e com isso construir uma relação de respeito dentro do ambiente onde se realizam as aulas práticas e teóricas.

## **DIÁLOGOS E CAMINHOS PERCORRIDOS**

O PIBID é um programa muito jovem nas universidades e que aos poucos vem ganhando seu verdadeiro sentido, cada curso percebe sua importância na formação dos graduandos e na propagação de conhecimentos, no compartilhamento de ideias, que envolvem e concerne a cada curso.

O Programa acontece na prática em forma de oficinas e cada escola que acolhe o Programa se organiza de uma maneira flexível, pensando estrutura e horários para os bolsistas e educandos. Enfatizando que, os alunos não são obrigados a participarem das oficinas e sim, precisa ser espontâneo, se fazer presente porque gostam ou porque o curso desperta interesse. Com espontaneidade os encontros acontecem de forma produtiva e prazerosa. Surgem descobertas que engendram conhecimentos, e as aulas se tornam momentos de aprendizado.

O PIBID Teatro funciona de uma maneira maleável e proveitosa. Acontecendo nas terças-feiras, o encontro entre bolsistas e orientadores, para discutirem textos, artigos científicos, livros, e os bolsistas relatam suas experiências nas escolas trabalhadas, como forma de suscitar discussões, ouvir sugestões dos colegas e orientadores e construir conhecimentos que direcionam a pesquisa de cada um.

O planejamento diário acontece entre os bolsistas de maneira particular, para que se estabeleça segurança entre os mesmos e os conteúdos que irão ser trabalhados em cada oficina. Também auxilia os integrantes do grupo que atuam em cada escola a participar na elaboração dos planos de aula, acontecendo a troca de vivências, experiências e saberes.

O Programa possui 36 bolsistas, inseridos em quatro escolas da rede pública municipal e estadual, todas situadas na cidade de Juazeiro do Norte-Ce. Três escolas são de nível médio e uma de nível fundamental. A EEFM Dona Maria Amélia Bezerra será a escola destacada neste trabalho.

A EEFM Dona Maria Amélia Bezerra é uma escola que o PIBID Teatro vem acolhendo nessa nova gestão desde 2014. Ou seja, a prática docente dos bolsistas já vem acontecendo há mais de um ano e cada pesquisa assim em construção vem cada vez mais se delimitando, trilhando caminhos com foco. Trabalhar com não atores é um desafio. Na referida escola, trabalha-se com jogos para que tenham contato com elementos do teatro de uma maneira lúdica e interativa. Despertando a coletividade, criatividade, e o cuidado de se trabalhar com o outro.

Cada jogo exige espontaneidade, raciocínio, concentração, foco, e aos poucos revelam suas vivências, a partir do que falam, símbolos que trazem na memória, cores, maneiras de se comportar. A participação nos jogos tornam as aulas mais produtivas, mais questionadoras. Nas oficinas, o número de alunos que frequentam não é elevado, pois houve evasão de educandos. Nesse processo, surgem questionamentos: por que ocorre evasão? É a escola? São os bolsistas que não possuem metodologias cativantes? São os jogos que são propostos? Muitas perguntas e algumas respostas ainda embrionárias.

Houve desistência de alunos, mas os que continuam no processo, conseguem desenvolver um trabalho produtivo. Dentro do subprojeto PIBID Teatro, acontece um evento chamado Jornada PIBID Teatro, em que todas as escolas que o programa acolhe, se encontram na URCA e compartilham experimentos teatrais, troca de experiências, apresentação ou ideias de artigos com os demais bolsistas, alunos de outros bolsistas, coordenadores e supervisores, fazendo da confraternização, um momento de conhecimentos.

## VIVENCIANDO

A partir de anotações feitas a cada aula que se ministrava, pôde-se notar resultados dentro das mesmas, inquietações de alunos e professores, estratégias tomadas e conhecimentos adquiridos. Relatarei quatro experiências dentro das oficinas realizadas na EEFM Maria Amélia Bezerra durante o ano de 2015. Os dias aparecem alternados, mas são de grande relevância para compartilhamento.

### **PRIMEIRO DIA DE OFICINA: 27 DE ABRIL**

Primeiro dia de oficina na escola. O encontro foi começado com um jogo com utilização de palitos de fósforo acesos, e na medida em que o fogo se alastrava, a apresentação ia fluindo, quando o mesmo apagava, a apresentação cessava e o vizinho dava sequência ao jogo. O interessante é que, o fogo se propaga rápido demais, tornando a apresentação dos participantes curta. Assim, retirou-se o fósforo, e todos passaram a se manifestar da maneira mais confortável possível.

Em seguida, uma das bolsistas inseridas na escola aqui ressaltada, propôs o jogo do nó, que é o momento em que todos se olham, percebendo cada detalhe, seja no espaço, seja nos jogadores. Sequencialmente, andando pelo espaço, todos deveriam saber quem estava do seu lado direito e esquerdo, tornando o espaço caótico. Cada participante deveria ficar parado, e tentar pegar nas mãos das pessoas que estavam nos seus dois lados. Até o último lembrar, o jogo vai acontecendo em movimento, precisando retornar ao círculo inicial. O jogo acaba quando todos conseguem lembrar e criar meios de chegar às pessoas, mesmo estando de um lado da sala e a outra de outro lado.

Percebeu-se que os jogadores, possuem um foco e ficam atentos a cada palavra e gesto executado. O jogo foi realizado de maneira rápida, notando-se desempenho, perspicácia e criatividade. Outro bolsista propôs um jogo onde desafiou todos os alunos. Além de novo, o jogo despertou timidez, pois, acontece de forma balbuciada e não é comum se falar desta forma. O medo de se expor ao ridículo, fez com que o riso surgisse. Daí a importância do teatro como meio de superar as inibições, os preconceitos, potencializando a formação do educando.

Um jogo surgiu a partir dos olhares que se cruzavam até então. Um momento que exigia novamente concentração e cautela. Em círculo, introduziu-se um pau que fosse passado de mão em mão, sendo jogado de um lado a outro no círculo. O foco, o medo, a confiança,

força, equilíbrio, são elementos presentes no momento do exercício. O medo prevaleceu, parando o jogo.

No segundo momento da oficina, os bolsistas dialogaram com os educandos, fazendo avaliação do encontro e convidando todos a retornar, nas demais oficinas. O primeiro dia além de produtivo foi cativante. Todos manifestaram seus sentimentos e um deles foi o carinho pelo primeiro dia.

### **OUTRO MOMENTO DE OFICINA: 04 DE MAIO**

O PIBID Teatro trabalhará com obras de um dramaturgo da região do Cariri. O segundo encontro começou com a exibição de um curta do dramaturgo em questão. Nesse curta, apresenta elementos contidos em suas obras e foi um meio pensado pelos bolsistas, para que os alunos comesçassem a se familiarizar com a dramaturgia.

Foi feito a mediação após a exibição do curta. Em seguida, foi proposto um alongamento, para que a improvisação pudesse fluir. O exercício de interpretação poderia ser a partir do vídeo assistido.

### **MAIS UM MOMENTO DE OFICINA: 18 DE MAIO**

O encontro começou de maneira lúdica e aquecedora, através de músicas instrumentais e agitadas. Um bolsista conduziu o exercício, elaborando coreografias e os demais educandos e bolsistas, participaram, tornando o primeiro momento muito instigante para as demais atividades que ainda estavam por vir durante a tarde.

A atividade com as músicas, no decorrer de coreografias e músicas dançadas, foi pedido que cada participante percebesse seu peso, seu corpo de acordo com os movimentos assim realizados, e apenas fizesse até o limite do corpo.

A partir da dança coreografada, o jogo desencadeado foi, “pega-pega” de Japiassu (2010), para que os participantes continuassem na mesma energia e não perdessem o foco. Em seguida, um bolsista pronunciava uma palavra ou objeto e cada jogador dizia o que lhe lembrava. Desse momento surgiu o jogo “elementos para criação de narrativa”, que funciona com folhas em branco, lápis coloridos ou pinceis, e pensando todos os jogos propostos, deveriam desenhar nessas folhas, o que lhes viessem na mente. Terminando assim os desenhos, todos os participantes deveriam misturar seus desenhos e uma pessoa espontaneamente começaria a narrar uma história a partir do desenho de outra pessoa que estaria no chão. Sequencialmente, outro jogador continuaria a história com os elementos de outro desenho, chegando ao final, construindo uma história que surgira a partir das criações.

Improvisação e interpretação de cenas foi sugerido por outro bolsista na mesma tarde, as improvisações poderiam conter elementos dos desenhos do jogo anterior, tornando vivo as criações. Em seguida, foi feito um círculo e todos os participantes refletiram sobre a tarde. Nessa tarde, uma aluna do Centro de Artes Reitora Violeta Arraes de Alencar Gervaiseau da Universidade Regional do Cariri-URCA, estava apresentando um espetáculo de conclusão de uma das disciplinas práticas do curso de teatro da mesma instituição, sendo sugerido aos educandos a participação deles nesse momento pois, ressaltamos a importância de apreciadores no teatro. E artistas precisam disso, senão a arte não acontece.

### **O ÚLTIMO MOMENTO DE OFICINA: 01 DE JUNHO**

A tarde começou sendo trabalhado o silêncio. Percebeu-se que além do exercício ser difícil na execução os educandos não se concentraram. Esse exercício foi pensado para que se construísse no ambiente, uma atmosfera de calma, relaxante, concentrados uns nos outros. Em seguida, foi proposto aos alunos que deitassem no chão e fechassem os olhos. Com isso, pensassem em um lugar bonito, que lhes remetesse paz, leveza, harmonia, e aconchego. Sentissem os cheiros, ouvindo os sons, vendo as cores que compõem o cenário e sentissem o gosto das bebidas e comidas. Passando um tempo nesse espaço, vivendo de forma imaginária, coletassem todos os elementos mais marcantes nessa vivência. Foi pedido que retornassem, se despedissem do ambiente e voltassem a viver suas realidades, aos poucos fossem abrindo os olhos.

Andando pelo espaço, acordando seus corpos, mantiveram suas concentrações ativas, construindo o cardume que é um jogo feito por um grupo de jogadores no qual, qualquer um dos participantes pode conduzir observando o condutor periféricamente, mantendo um foco e realizando movimentos numa mesma sintonia. Nesse exercício, utilizou-se de músicas para que instigasse a criatividade e espontaneidade de cada um. Japiassu (2010) nos diz:

O engajamento da pessoa nas ações desenvolvidas após a instalação do jogo deve ser espontâneo, porque toda atividade lúdica tem caráter volitivo, quer dizer, voluntário. Ou seja, é necessário o estudante querer jogar por livre e espontânea vontade, sem que se sinta de alguma maneira coagido ou obrigado a participar (JAPIASSU, 2010, p. 87).

Ainda assim, foi proposto o jogo “espelho-meu” de Japiassu (2010), para que continuassem na perspectiva da concentração. A partir do jogo, iniciaram-se as improvisações.

Analisando minuciosamente cada aula ministrada, foi percebido que os bolsistas saem satisfeitos do ambiente escolar. O conhecimento é ferramenta que nenhum ser humano



consegue abstrair de nenhum outro ser humano, se constrói e reconstrói em uma dinâmica inexorável, conforme Freire (1996). O que construímos na graduação é a ponte, o norte, para se chegar a um determinado objetivo.

Os planos de aula, os objetivos, o público alvo que será trabalhado, o percurso a ser traçado, tudo isso é relevante na organização do bolsista. Assim, colocar na prática seu conhecimento percebendo a reciprocidade entre educador e educando no processo ensino-aprendizagem, considerando que o conhecimento é construído continuamente, com base na prática e referências a serem colocadas em questão se constitui fator essencial. As reuniões nas terças-feiras são essenciais pois, a troca de experiências, as aulas teóricas e práticas com os orientadores contribuem no planejamento de oficinas dos bolsistas.

A EEFM Maria Amélia Bezerra, ambiente em que a pesquisa aconteceu é um espaço desafiador. O número de alunos que frequentam as oficinas não é elevado e alguns são voláteis, causando medo e incerteza nos bolsistas que preparam aulas semanalmente. A aula de teatro é um processo e se um educando deixa de frequentar a aula ou frequenta um encontro, depois desaparece, causa uma lacuna nesse processo. Teatro é um coletivo em processo.

### **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

O ser humano precisa um do outro, necessita interagir e compartilhar suas vivências, experiências. Nessa perspectiva o teatro é de suma importância na formação crítica, política, social, e principalmente humana. Além de instigar a criar, participar, observar, falar, criticar, solucionar, problematizar, atuar, ele contribui na evolução do ser humano. O teatro na educação não é ferramenta pedagógica, é a prática pensada, estudada, pesquisada, é trabalho docente.

Portanto, as reflexões construídas a partir desse trabalho possibilitaram pensar a prática docente que se dá no ensino-aprendizagem, dialogando com os diversos contextos em que os alunos estão inseridos, colocando estes numa importante reflexão acerca de suas realidades, possibilitando refletir sobre a formação docente e contribuindo com a construção e reconstrução de conhecimento na interação de pessoas que pensem, questionem, reflitam, se construam sujeitos da ação-reflexão-ação.

### **REFERÊNCIAS**

BIASOLI, Carmen Lúcia Abadie. **A formação do professor de arte: do ensaio...à encenação.** Campinas, SP: Papirus,1999.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

JAPIASSU, Ricardo Ottoni Vaz. **Metodologia do ensino de teatro**. 9º ed. Campinas, SP: Papyrus, 2010.

NEVES, Libéria Rodrigues; SANTIAGO, Ana Lydia Bezerra. **O uso dos jogos teatrais na educação: possibilidades diante do fracasso escolar**. 2º ed. Campinas, SP: Papyrus, 2010.

SPOLIN, Viola. **O jogo teatral no livro do diretor**. Tradução de Ingrid Dourmien Koudela e Eduardo. São Paulo: Perspectiva, 2010.

TELLES, Narciso. **Pedagogia do teatro e o teatro de rua**. 2º ed. Porto Alegre: Mediação, 2013.